

Esta é uma obra de ficção de autor baseada na livre criação artística e sem compromisso com a realidade ou factos históricos. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, factos ou situações será mera coincidência

info@marcador.pt

www.marcador.pt

facebook.com/marcadoreditora

© 2014

Direitos reservados para Marcador Editora

uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Título: *Lusitano Fado*

Autor: Luís Corredoura

Revisão: Manuel Monteiro

Paginação: Miguel Antunes

Capa: © Épica Prima

Ilustrações: © Alejandro Colluci

Imagens em segundo plano na capa: © Centro de Documentação 25 de Abril da U. Coimbra - arq. DGCS

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-019-6

Depósito legal: 380153/14

1.^a edição: setembro de 2014

O poder está nas aparências.
Napoleão Bonaparte

I

Há muito tempo que Alberto Montez não se sentia tão alquebrado devido aos efeitos perniciosos de uma ressaca de origem etílica.

A noite anterior fora longa, inicialmente penosa, mas terminara de uma forma gloriosa, tendo dado azo a várias epifanias que Alberto, satisfeito, gravou na sua memória granítica, imperecível, com o auxílio de vários copos de vinho encorpado das Beiras, uísque, alguns cálices de bagaceira e umas quantas cervejas quando a alvorada começava a despontar no horizonte.

— O álcool conserva!... — dizia amiúde quando se encontrava a fazer serão em algum botequim de fama duvidosa.

Nessas ocasiões, enquanto à sua volta passavam indivíduos de índole suspeita que ocupavam temporariamente algumas mesas e cadeiras, tão-somente enquanto durava o fumar de um cigarro e o emborcar de uma aguardente suficientemente potente para alimentar os motores de um avião a jacto, Alberto, tendo invariavelmente ao seu lado como companheiro de tertúlia um qualquer sujeito de origem desconhecida, optava por ouvir mais do que falar.

— Afinal, se temos duas orelhas e uma boca é para escutarmos o dobro daquilo que falamos — respondia com alguma secura quando alguém o interpelava acerca do seu aparente mutismo.

Na noite que antecederá tão doloroso despertar, o desconhecido professor de Filosofia Alberto Montez, quarenta anos, divorciado, pai

de uma rapariga — mulher feita!... — com dezasseis anos, fisicamente saudável, com uma compleição atlética fruto da sua quase doentia e hipocondríaca obsessão por ciclismo — praticado pelo menos três vezes por semana em circuitos nunca inferiores a sessenta quilómetros, quer chovesse, nevasse ou fizesse sol —, que os contínuos excessos de álcool e o consumo de tabaco não conseguiam debilitar, jamais imaginara que a sua vida iria entrar por um caminho que tanto poderia levar à glória como à destruição da sua pessoa e daqueles que lhe eram mais próximos.

*

No fim de mais uma tarde, Alberto, malquistado com um inusitado dia de aulas que deveriam ter sido intercaladas com várias reuniões com os seus colegas do corpo docente da escola secundária onde leccionava há mais de dez anos, apenas tinha vontade de pedalar os seus sessenta quilómetros para descarregar as frustrações, raivas e desilusões sobre o alcatrão, escalando declivosas picadas com a sua bicicleta de estrada nos subúrbios de Lisboa, aventurando-se por vezes a ir até à serra de Sintra ou até mesmo a Mafra e Torres Vedras, isto quando o seu estado de espírito se encontrava tão carregado e negro como um céu de tempestade de Inverno.

— Não sei como aguentas fazer essas voltas... Deves ficar com esse cu literalmente em merda em cima do selim!... — ironizava Patrício Pedroso, PP para os amigos, seu colega de docência na escola secundária, quando por qualquer motivo o tema de conversa entre ambos incidia sobre desporto e sobre as aptidões de ambos para a sua prática.

Patrício, ligeiramente obeso, cerca de quinze centímetros mais baixo do que Alberto, fumador compulsivo, grande consumidor de álcool, nomeadamente de cerveja, e com aversão a qualquer tipo de exercício que implicasse um consumo superior a cinquenta calorias por hora, preferia uma boa partida de *snooker* ou de bilhar, sendo um magnífico jogador, fruto quiçá da sua formação matemática, não sendo despicienda para tal a sua aptidão para a geometria e a trigonometria.

— Pelo contrário, meu caro. O meu traseiro fica sempre impecável e a minha cabeça, essa sim, é que fica liberta de toda a merda que acumula ao longo do dia — respondia Alberto com alguma ironia.

Professor por vocação, filósofo por opção, o passar dos anos trouxe a Alberto Montez alguma desilusão que se fazia sentir ocasionalmente quando era confrontado com a insolência de algum aluno ou grupo de discentes que insistiam em tornar as suas aulas num inferno, ou quando

o ministério decidia mudar os programas, argumentando que as alterações aos mesmos se inseriam numa vasta reforma que pretendia adaptar os mencionados programas às exigências contemporâneas!...

— Não sei como é que as pessoas comem estas merdas!... «Exigências contemporâneas»?! Quais? Aquelas que tornam estes miúdos ainda mais acéfalos, ignorantes e dependentes dos pais até depois dos quarenta anos? — bramava Alberto entre dois copos de vinho quando se encontrava em casa de Patrício para a habitual partida de xadrez semanal.

— Ora, não sabes que o saber é poder? — ironizava Patrício com a sua cabeça completamente envolta numa nuvem de fumo proveniente dos vários cigarros que consumia com alguma avidez e ansiedade. — Quem detém o saber consegue manipular os outros incutindo-lhes as maiores mentiras como se estas fossem as mais cristalinas verdades...

— Estás um verdadeiro filósofo. Pior, um político! Acho que devias pensar seriamente em seguir essa carreira.

— Não posso. Já te esqueceste de que fumar deixou de ser *cool*? Alguma vez eu seria eleito estando sempre com um cigarro nos lábios?

— Não te preocupes. Basta que tenhas uma boa equipa e ninguém se importará com isso. Ou então, fazes como o outro...

— Qual outro?

— O outro ex-primeiro. Vais fumar para os aviões, lá no alto, longe dos jornalistas...

Patrício soltava então uma forte gargalhada, carregada de catarro, quase se sufocando com essas libertações de muco.

— Bem, nesse caso, tinha de andar sempre de avião e só me restaria governar o País no céu... Como um verdadeiro deus, lá em cima, acima de tudo e de todos! *Deus ex machina!*

Esses serões eram sempre do agrado de Alberto. No entanto, nessa ocasião em que tudo seria rematado com tão monumental ressaca, nada indicava que a noite terminaria daquela forma quase apoteótica.

*

O dia fora realmente difícil. Nem os setenta e cinco quilómetros feitos em pouco menos de duas horas — uma longa volta pela serra de Sintra, passando pelo Guincho... — no final da tarde atenuaram o mau humor de Alberto e a sua necessidade de fazer algo que aligeirasse temporariamente toda a frustração que sentia.

Tudo começara quando o presidente do conselho directivo da escola o convocara para estar no seu gabinete pouco depois de as aulas terem

começado nessa manhã. Alberto considerou aquele pedido estranho, mas não pensou muito no assunto enquanto tentava que uma turma de alunos ensonados percebesse um pouco melhor — ou fingisse que percebia... — algumas das principais correntes filosóficas da Grécia Antiga.

— Diga ao pessoal para esperar um pouco por mim, porque tenho de ir falar com o professor Saraiva... — alertou Alberto a auxiliar de educação aquando do intervalo entre aulas para que os alunos não debrassem quando vissem que o professor não chegava depois dos habituais cinco minutos de tolerância estudantil.

Saraiva, o «Velho», como também era sarcasticamente apelidado por alguns dos docentes mais novos e descontentes com as suas políticas de horários e de organização interna do estabelecimento, advinha da antiga escola salazarista.

— Eu sou do tempo em que as três pessoas mais respeitadas numa comunidade eram o regedor, o padre e o professor... — arengava sempre o velho Saraiva durante o jantar natalício que anualmente fazia questão de promover entre os professores da «sua» escola para exhibir a sua autoridade como um complacente e tolerante tirano. — Agora, nestes dias que correm, ninguém sabe quem é o seu regedor ou o presidente da junta de freguesia da terra onde vive, padres já quase não há e os que existem não têm o carisma doutros tempos e o professor tornou-se numa espécie de bufão, de bobo da corte, alvo das mais vis e desavergonhadas atitudes que os pirralhos possam engendrar!... Claro que isso não sucede na minha escola!... — rematava com orgulho, enquanto percorria com o seu olhar aquilino todas as cabeças que à sua volta se esforçavam por manter a compostura.

O gabinete de Saraiva era o que de mais semelhante havia a uma cela de um mosteiro de clausura. Praticamente destituído de qualquer adorno, apenas se via pendurado numa das paredes despidas um retrato do presidente da República — certamente substituindo dolorosamente uma imagem de Salazar... — e, na parede oposta, um crucifixo, reminiscência de outros tempos e sinal de como o velho director gostava de manter patentes certas tradições. Ao lado da sua secretária, um arquivador do tempo da Grande Guerra guardava toda a documentação relativa aos docentes daquele estabelecimento e outra relativa ao normal funcionamento da escola. Colocada junto à secretária, uma cadeira de plástico, gasta e encardida, repescada numa lixeira, prestava-se a servir quem estivesse na sua presença caso fosse convidado a sentar-se.

Acomodado atrás da sua singela secretária, Saraiva parecia afundar-se na grande cadeira completamente ruça e coçada de tantos anos de uso. Aquela cadeira era o único luxo a que se permitira quando, muitos anos antes, como que adivinhando uma perpetuação no cargo para o qual fora eleito pelo corpo docente de então, decidira investir alguns contos de réis naquela extravagância.

— Custou-me os olhos da cara, mas tem-se revelado um bom investimento... — comentava o decano sempre que notava que alguém observava o tecido gasto e os remendos que pontilhavam um pouco por todo o lado.

Tal como sucedera em outras ocasiões em que Alberto Montez fora chamado à presença do director da escola, este último decidiu fechar um pouco mais as esburacadas cortinas da única janela que fornecia alguma luz natural àquele espaço sombrio para assim criar um ambiente mais soturno, pesado e intimidante.

«Lá está este gajo com estas merdas de cinema *noir* de quinta categoria!... Deve pensar que me assusta!... O que é que será desta vez?...», pensava Alberto enquanto avançava na direcção da secretária, de encontro à única cadeira disponível para se sentar, mantendo-se Saraiva impassível, como se estivesse atrás de uma inexpugnável muralha observando o seu inimigo prestes a ser destruído por uma inesperada surtida.

— Senhor professor Montez... — começou Saraiva, não esperando que Alberto se sentasse, deixando-o ficar de pé, tal como um oficial faz com os seus subordinados quando se prepara para os repreender. — Tenho comigo uma queixa relativa à sua conduta para com uma das nossas alunas...

Alberto Montez necessitou de uma força quase impossível a um ser humano para não perder a compostura e desatar aos berros contra aquela infâmia que mais uma vez era lançada contra a sua pessoa. Enquanto o director da escola ia desafiando um rol de comportamentos aparentemente impróprios numa relação entre um professor e uma discípula conforme estava escrito nas folhas que tinha sobre a secretária, o professor de Filosofia apenas queria que aquela recitação acabasse de vez para poder apresentar a sua defesa, desmentindo categoricamente tudo aquilo que era contra a sua inocente pessoa.

— Tem alguma coisa a dizer? — perguntou Saraiva, recostando-se na cadeira para, com um ligeiro esgar de ironia, poder observar melhor a linguagem corporal do acusado.

— Tenho — respondeu com brusquidão Alberto, não tendo dado tempo para que Saraiva sentisse o forro coçado da cadeira massajar-lhe as

costas onde três hérnias discais de quando em vez lhe transformavam as noites num verdadeiro inferno. — Nem precisa de dizer o nome da aluna, pois sei bem quem é essa desequilibrada!...

O director da escola pareceu ficar algo desconcertado com a reacção do seu subordinado. Habitado a outro tipo de comportamento e de linguagem por parte daqueles que consigo falavam dentro daquele estabelecimento de ensino, demonstrava estar um pouco desconfortável perante a investida de Alberto.

— Essa fulaninha tem falta de um bom par de estalos! Sabe bem que não é a primeira vez que temos problemas com ela. Até o Patrício Pedroso, que, diga-se em abono da verdade, não é nenhum adónis, teve uma altercação com essa Rita Madeira. É ela, não é, professor Saraiva?

A ausência de uma resposta audível por parte do director foi compensada com um ligeiro pigarrear e uma piscadela nervosa dos seus olhos míopes, tentando evitar desta vez um confronto com o olhar gélido e revoltado de Alberto. Esta linguagem corporal confirmou aquilo que parecia evidente desde o início.

— Sabe muito bem que nunca me envolvi com nenhuma das minhas alunas, nem tão-pouco me insinuei ou tive conversas menos próprias com elas. Tudo isso que o senhor leu não passa de uma grande mentira. Essa miúda é uma débil mental que tem falta de atenção, uma menina rica e mimada pelos pais que não sabem educá-la convenientemente, que chega permanentemente às minhas aulas num verdadeiro estado de embriaguez, apesar de muitas vezes o relógio ainda não marcar nove horas da manhã!...

Saraiva estava agora verdadeiramente incomodado. A atmosfera pesada e sombria que resolvera dar ao seu gabinete parecia naquele momento sufocá-lo. Sem que o gesto executado com a mão conseguisse moderar o tom daquele professor de Filosofia ou feito com que este se calasse, decidiu afastar um pouco mais as cortinas para que alguma luz transmitisse um pouco de serenidade ao exaltado docente.

— Tenha calma... — contemporizou o director de um modo algo paternalista, situação que provocaria em Alberto uma maior irritação.

— Calma?! Como quer o senhor que eu tenha calma quando, só neste ano, é a quarta vez que sou chamado à sua presença por causa desta tipa?

Os gritos de Alberto ultrapassavam com facilidade a espessa porta que separava o gabinete de Saraiva do resto do mundo. D. Fernanda, a idosa funcionária da escola, tão velha quanto Saraiva, que estava diariamente de plantão junto do gabinete do director para efectuar qualquer

diligência que este solicitasse, assustou-se com a algazarra que parecia estar a acontecer dentro daquelas paredes. Sem qualquer pudor, ousou abrir um pouco a porta para espreitar o que estava a suceder.

— Feche essa porta, sua alcoviteira barregã! — disparou Alberto que, não obstante o seu alterado estado, estava com os sentidos bem despertos. — O que aqui se passa não é da sua conta. Se quer ouvir sem dar nas vistas, basta encostar a orelha à porta!

Saraiva ruboresceu ao escutar aquelas palavras. Ainda tentou balbuciar uma resposta, prontificando-se para defender D. Fernanda — que muitos diziam ser quem lhe aquecia os pés desde que ficara viúvo... —, mas acabou por se deixar cair novamente no seu cadeirão, assumindo um semblante simultaneamente carrancudo e resignado.

— Você sabe muito bem quem é o pai desta rapariga... — disse finalmente, depois de longos minutos a ouvir as invectivas que Alberto disparava contra quem o acusava, contra o sistema, enfim, contra todo o mundo em geral. — Sabe muito bem como isto pode trazer problemas para esta escola se lá fora se souber que há aqui um professor que tenta molestar raparigas...

Alberto estava lívido. Aquilo não podia ser verdade. O velho Saraiva, a autoridade salazarista em pessoa, vergava-se sob o peso das influências políticas e dos pseudo-intelectuais que julgavam ter o mundo na mão. Ai de quem ousasse beliscar alguma dessas sumidades!... «Ai dos vencidos!», como diria Breno, o bárbaro celta que ousara derrotar os Romanos quase quatrocentos anos antes de estes terem sido um império.

— Puta que os pariu! — cuspiu Alberto, sem qualquer consideração pela pessoa do director.

— O quê?! — sobressaltou-se Saraiva, sentindo a pressão arterial a disparar, algo que o levou instintivamente a procurar um dos pulsos para verificar quão acelerada estava a sua batida cardíaca.

— Isso mesmo que o senhor ouviu. Puta que os pariu! A todos, sem excepção e em bom português, sem qualquer acordo ortográfico e com todos os pés bem vincados!

Alberto Montez sabia que aquelas palavras poderiam significar uma séria penalização, mas, naquele momento, decidiu gozar da situação, regozijando-se com o estado de lividez do director da escola e com a sua súbita incapacidade para pronunciar qualquer resposta.

— Valham-me os santos todos!... — exclamou D. Fernanda, abrindo desta feita sem qualquer pudor a porta do gabinete do director depois de também ela ter escutado todas aquelas imprecações. — O senhor

professor está bem? Quer que lhe traga um copo de água com açúcar? É melhor ir buscar o medidor da tensão...

— Saia daqui, sua bruxa velha! Não vê que ainda não acabei a conversa com o «senhor professor»? — praguejou Alberto, abrindo os olhos na direcção da auxiliar, levando-a a sair com prontidão daquele gabinete.

Seguiram-se alguns momentos de carregado silêncio. Alberto andava sem parar de um lado para o outro como uma fera enjaulada enquanto Saraiva permanecia lívido, no seu lugar, examinando instintivamente e de quando em vez os pulsos para ter uma noção de quão acelerada estava a sua palpação.

— Senhor professor Montez... — pigarreou depois de alguma hesitação —, sabe que vou ter de o suspender por alguns dias até que a verdade seja completamente apurada...

O professor de Filosofia manteve-se estranhamente impassível, qual vulcão prestes a explodir que não aparenta qualquer sinal do estado de ebulição que existe no seu íntimo. Sem pestanejar, escutou tudo o que Saraiva, titubeando, lhe disse, tal qual mandavam as regras impressas no regulamento, acerca do processo de averiguações que se seguiria.

— Seja isso feito conforme aquilo que o senhor deseja... — respondeu com sarcasmo. — Espero somente que esta infeliz rameira que largou as fraldas há meia dúzia de dias não faça entre as paredes desta escola outra vítima desprevenida como eu.

Sem acrescentar mais nada, Alberto Montez abandonou precipitadamente o gabinete do director, fechando com violência a porta atrás de si, quase provocando com isso uma síncope na assustada D. Fernanda. A velha funcionária encolheu-se o mais que conseguiu, tentando que o seu corpo roliço coberto por uma eterna bata cinzenta se confundisse com as sombras para que o olhar furibundo de Alberto não a fulminasse de vez.

*

— Estás mesmo fodido de todo, não estás?

Alberto sabia que o amigo estava sempre disposto a escutá-lo, independentemente do adiantado da hora ou do estado de embriaguez que comumente apresentava durante os seus encontros para as partidas de xadrez.

— Estou. Aliás, estou pior do que isso!... Aquela putazinha de merda há meses que anda a insinuar-se para que eu seja benevolente nos testes e nas entregas de trabalhos. É uma preguiçosa da pior espécie, sem qualquer resquício de princípios morais. Os pais são uns diplomatas

quaisquer que andam sempre a saltitar de país em país, mantendo a filha à guarda de uns avós demasiado passivos e sem autoridade para contrariar os caprichos da neta. Inclusivamente, já me chegaram aos ouvidos rumores de que ela é uma das principais abastecedoras de haxixe nesta escola... Vê lá tu isto, uma miúda que ainda só tem dezassete anos!... Sabe mais da má vida do que nós os dois juntos!...

Complacente, Patrício soergueu o seu pesado corpo da cadeira, debruçando-se em jeito conspiratório sobre a pequena mesa onde as peças do jogo de xadrez, hirtas e brilhantes, pareciam ilusoriamente, no meio das nuvens de fumo, também elas interessadas na conversa que se desenrolava.

— Essa miúda já foi para a cama com alguns dos nossos colegas... — sussurrou Patrício, bebericando de seguida um pouco de uísque do seu copo. — Pelo que dizes, os seus dezassete anos são mesmo muito precoces. Pelo que ouvi, sabe cobrir como uma verdadeira leoa com o cio e não se coíbe de usar todas as aberturas do seu corpo para obter plena satisfação. Há rumores até de que já terá feito mais do que um aborto...

Alberto estancou o seu raciocínio e mirou com alguma curiosidade o colega. Desconhecia essa história, mas não demonstrou ter ficado admirado com aquilo que ouvia.

— Gente como essa não tem escrúpulos alguns. Se ela nunca se deixar levar pelo vício das drogas ou do álcool, pode muito bem, daqui a uns anos, ocupar um qualquer cargo de relevo graças aos seus atributos... de alcova! Já estou a vê-la como grande executiva ou até mesmo como substituta do Saraiva, se a sua ambição for mais pequena.

A observação fez com que ambos se rissem. Infelizmente, aquela situação exposta por Alberto era o que cada vez mais ocorria no País. Muito poucos eram tidos em consideração pelos seus méritos intelectuais, morais e éticos. Aliás, isso só servia para estorvar, era um empecilho para quem ambicionava um lugar de destaque que garantisse uma qualquer sinecura que possibilitasse um nível de vida muito acima do comum cidadão pagador de impostos.

— Pouco me admirarei se vir esta miúda daqui a uns anos a ser deputada, secretária de Estado ou até ministra... Quem sai aos seus...

Alberto sabia do que falava. A mãe de Rita Madeira jamais se livrara dos comentários que em surdina se faziam nas suas costas acerca das suas origens e da maneira como ascendera social e financeiramente na vida.

— Noutros tempos, chamavam-lhe puta. Agora, é empresária em nome individual!... Dizem por aí que foi numa dessas casas de prostituição de luxo que conheceu o marido, uma espécie de entidade parda do

seu partido e alguém com muito boas relações no mundo diplomático. No fundo, comem todos do mesmo prato...

— ... ou comem todos a mesma tipa? — adiantou Patrício entre um roufenho riso, parecendo sufocado no meio de tanto fumo.

— Pois, tens razão. O certo é que essa tipa é hoje a esposa do embaixador tal, que já foi ministro tal, e é também a presidente de uma dessas fundações de fachada com nome pomposo, mas cujo verdadeiro fim se desconhece. Enfim, quase faz lembrar a minha ex-mulher...

— O quê?! Não me digas que também a conheceste numa dessas casas de luxo?!...

— Não — respondeu Alberto, mostrando-se impassível e repentinamente interessado na disposição das peças do jogo de xadrez. — Mas quase... Essa é outra que não descansou enquanto não arranjou melhor poiso. Já viste com quem é que ela agora está casada?

Patrício encolheu os ombros, mostrando-se pouco interessado na vida da antiga companheira do colega. Aquele assunto há muito que estava enterrado após vários anos de incansáveis conversas, de intermináveis discussões e de não menos prolongadas bebedeiras.

— Com um juiz! Arranjou um velho jarreta há uns tempos e casou com ele em menos de nada! Ela é que é esperta e eu parvo de todo!...

A noite não terminaria sem mais duas partidas de xadrez e mais um maço de cigarros fumado. Quando o uísque da garrafa se volatilizou nos copos, Patrício acabou por voltar à sua fiel amiga, a cerveja, tendo ambos despejado várias garrafas.

— O que é que agora vai acontecer depois deste teu episódio com o Saraiva? — entaramelou Patrício, enquanto tentava acender mais um cigarro.

— Acho que vou ficar suspenso por umas semanas enquanto isto não estiver devidamente esclarecido. Até lá, não sei o que fazer. Ficar em casa, parado em frente à televisão a estupidificar, parece-me demasiado pesado. Creio que se fizer isso, no final do segundo dia estarei capaz de dar um tiro na cabeça. Vou pensar no que hei-de fazer para gozar da melhor forma estas férias forçadas...

— Podias aproveitar para passar mais algum tempo com a tua filha. Ela está numa idade complicada e, pelo que tenho visto, não lhe tens dado a devida atenção. Desde que a mãe dela se embrulhou com outros gajos, ela nunca mais me pareceu estável. Tu és a sua âncora, o seu porto de abrigo, e ela é para ti o teu grilo falante...

— Então, e tu? És o quê? O meu anjo-da-guarda?!

A despedida foi dolorosa. Quando ambos se aperceberam de que a noite ia bem alta, Alberto decidiu partir para outras bandas, cambaleando até à porta do apartamento de Patrício.

— Estás em condições de conduzir? — preocupava-se o amigo.

— Apanho um táxi. Há sempre um ou outro de serviço na praceta aqui perto.

— Porta-te bem.

Patrício não escutou as habituais palavras que Alberto sempre lhe respondia quando se despediam, pois fechara a porta quando vira o amigo desaparecer nas trevas que envolviam o átrio das escadas do seu prédio.

— Pois... Já sei que te portas sempre bem... Os outros é que têm a culpa quando te portas mal... — sussurrou Patrício antes de adormecer profundamente, imaginando a resposta embalado pelo álcool que circulava nas suas artérias, deitado no sofá da sala cuja atmosfera pouco deveria diferir daquela que existe à superfície de Júpiter...

*

— Para onde quer ir? — perguntou, pressuroso, o taxista.

— Sei lá!... — deixou escapar Alberto em tom de desalento, enquanto se acomodava no banco do táxi. — Olhe, leve-me até Alcântara. Ficarei algures entre isso e o Calvário. Depois, logo vejo para onde vou.

A viagem foi rápida àquelas horas da noite. O taxista, um sujeito com uns cinquenta anos, farto bigode que contrastava com uma proeminente calvície mal encoberta por um boné com as cores do Benfica, não se coibiu de, durante o trajecto, opinar sobre tudo aquilo que no momento fazia as primeiras páginas dos jornais.

Apesar de somente responder com monossílabos e com frase curtas e algo ambíguas, Alberto não conseguia deixar de ficar admirado com a suposta eloquência daquele sujeito para dissertar acerca de tanta coisa em tão pouco tempo!... Nada escapava à argúcia e capacidade crítica do condutor do veículo, do inevitável estado do País, passando pela malfadada política e acabando no inevitável futebol.

— Pois, vamos lá ver se é este o ano... — rematou Alberto, fazendo alusão às cores clubistas que o taxista tão orgulhosamente ostentava no seu chapéu e no emblema colado no tabliê do veículo, junto a uma imagem de São Cristóvão e a uma outra de Nossa Senhora de Fátima.

Depois de ter pago a corrida, deixando uma generosa gorjeta ao loquaz taxista, Alberto pareceu ficar sem rumo, olhando com alguma ansiedade para as fachadas envelhecidas dos edifícios que o rodeavam. Apesar do

adiantado da hora, havia algum tráfego nas ruas daquela área da cidade, certamente devido à existência de bares e discotecas nas imediações.

— Não me apetece ir até às Docas... — suspirou enquanto se embrenhava numas ruelas escuras, onde não se via viva alma além de um ou outro gato vadio remexendo no lixo que transbordava de um contentor.

Mesmo sabendo que aquele não era um local recomendável para se andar sozinho, Alberto não temia caminhar na noite lisboeta. Já fora confrontado com algumas situações menos próprias, tendo sofrido inclusivamente três tentativas de assalto que, graças à sua compleição e à notória inépcia dos assaltantes, conseguira resolver sem qualquer prejuízo para si. Numa delas, acabara até por se apropriar do pecúlio que o meliante tinha angariado numa noite de «trabalho» quando, depois de ter resistido à tentativa de assalto, conseguiu manietar o malandro, aplicando-lhe de seguida dois valentes murros que o deixaram estirado no chão, completamente aturdido, antes de conseguir pôr-se em fuga sem reparar que deixava cair o seu «lastro».

— Mais de trezentos euros, um relógio de marca e duas pulseiras de ouro... Creio que ainda perdeu mais alguma coisa pelo caminho, mas, como era de noite e o beco tinha pouca iluminação, não consegui verificar isso... — confessou a Patrício no meio de uma das suas intermináveis partidas de xadrez.

— Claro que espatifaste isso tudo nessa noite!... — observou com ironia o professor de Matemática, enquanto fazia mais uma jogada de xeque.

O sorriso que Alberto estampou no rosto, segurando no canto da boca um cigarro acabado de acender foi a melhor resposta que Patrício obteve à sua insinuação. Na verdade, nessa noite em que Alberto derrubara o ladrão, todo o dinheiro que encontrara se liquefez, na verdadeira acepção do termo, em vinho, uísque e cerveja.

— 'tava fodido com a vida e precisava de espaiar — diria dias depois. — Fui a um desses restaurantes que servem até horas tardias e pedi o que de melhor eles tinham... Foi um verdadeiro regabofe. Nem sei como cheguei a casa. Só me lembro de acordar na cama de uma fulana, por sinal bem jeitosa, e de ter a ténue ideia de ela se chamar Mafalda, Mariana ou Maria qualquer coisa...

— Pois, tipo Maria Vai com as Outras... ou com os Outros!... — observou Patrício. — Qualquer dia, apanhas uma dessas doenças venéreas ou algo pior que te fará cair a pila!... Nem parece coisa de gente inteligente ir para a cama com qualquer uma que lhe aparece pela frente. E digo-te mais: tiveste uma sorte do caraças em não ser um gajo! Com

a bebedeira que estavas, duvido muito de que conseguisses distinguir uma mula de um cavalo!...

Para Alberto, aquele comportamento de Patrício era sinal de alguma inveja que o companheiro nutria pela vida que ele levava e pelo facto de nunca ter tido qualquer problema em se relacionar com as mulheres. No entanto, enquanto fora casado com Marta, a sua conduta e devoção tinham sido irrepreensíveis. Somente após o tumultuoso divórcio e o período de «nojo» a que se submetera para tentar compreender como é que tal coisa lhe sucedera é que assumiu um comportamento de conquistador de corações, um verdadeiro marialva que nunca enjeitava qualquer contacto com o belo sexo.

— Por isso é que, de quando em vez, as tuas alunas andam por aí a suspirar pelos cantos...

— Calma lá! Nunca me envolvi com nenhuma. Sei que muitas não se importariam com isso. Mas também sei muito bem distinguir o trigo do joio, separar as águas para não ter problemas. Algumas, friamente vistas, são umas verdadeiras tentações para quem tenha um espírito fraco...

Patrício fingiu não perceber a observação, não obstante Alberto desconfiar de que aquele coração solitário se dedicava ao culto onanista, imaginando-se envolvido com algumas das suas alunas mais voluptuosas nas horas de maior isolamento ou com algumas das suas colegas de profissão, quando não com todas em simultâneo...

*

Quando estava a ficar com a sensação de que aquela ruela não conduzia a parte alguma e se preparava para, contrariado, vogar em direcção às barulhentas e, para si, mal frequentadas Docas — «Cambada de betinhos e de trolhas que se pavoneiam como num desfile de moda!... Isto para não falar da criançada que por lá anda fazendo-se passar por adultos!...», grunhia quando estava indisposto devido a alguma contumaz ressaca... —, um ruído de fundo despertou a sua atenção. Atrás de si, uma porta abria-se para deixar passar um fulano com um aspecto, no mínimo, duvidoso. O sujeito, ignorando a presença de Alberto, abriu a braguilha e urinou contra a parede oposta à porta por onde acabava de sair.

Surpreendido com a atitude daquele indivíduo, Alberto verificou que aquela porta escondia um botequim cuja designação inscrita por cima da padieira parecia imperceptível devido à falta de luminosidade do local.

— Amigo, a tasca ainda está aberta?

Assustado com aquela inesperada abordagem, o fulano que se deleitava a ver as volutas de vapor produzidas pela sua urina rodopiarem no ar, suspirando de satisfação por se encontrar a aliviar a bexiga, acabaria por molhar as mãos e por entalar a pila no fecho das calças quando precipitadamente tentou recolhê-la.

— O que é isto? Um assalto! — balbuciou o outro, depois de uma imprecação de dor, tremendo, não reparando que as suas calças e mãos tinham ficado um pouco húmidas.

— Calma, companheiro. Estou só a perguntar se a tasca está aberta, pois apetece-me beber algo...

Antes que aquele sujeito, ligeiramente embriagado, tivesse tempo para responder, Alberto amenizou os ânimos, prontificando-se a pagar-lhe uma bebida como forma de compensação pelo entalão na braguilha.

— Venha daí, então. Nunca recuso uma oferta dessas!... — rematou o sujeito, exibindo um sorriso que, na fraca luz que ali chegava vinda de um candeeiro público tremeluzente afastado alguns metros daquele local, deixava ver várias falhas numa dentição que certamente já tivera melhores dias.

O ambiente daquela taberna poderia perfeitamente ser aquilo que Alberto dias depois transmitiria ao seu leal amigo caso estivesse noutra época, noutro país ou, quiçá, noutro continente.

— Garanto-te que fiquei com a sensação de estar a entrar num outro mundo. Se aqueles tipos tivessem um sabre à cintura, palas nos olhos e chapéus de abas levantadas na cabeça, passariam por piratas e flibusteiros em qualquer ilha das Caraíbas no século XVII ou XVIII!... Nunca vi coisa igual, apesar de já ter entrado em locais que nem o Demónio demonstra interesse em lá ir!...

A realidade, por mais incrível que pudesse ser, correspondia às descrições de Alberto. Aquela taberna, local desinteressante, pouco e mal frequentado durante o dia, metamorfoseava-se quando o Sol se escondia no horizonte, adquirindo em certos círculos do submundo nocturno uma aura de porto seguro para todos aqueles que quisessem negociar ou conversar sem se sujeitar aos incómodos da sociedade dita normal.

«O Patrício sentir-se-ia em casa!...», pensou o professor de Filosofia pouco depois de transpor o limiar da porta, que prontamente se fechou atrás de si, como se uma mão misteriosa quisesse evitar que os segredos que naquela casa se congregavam escapassem para o exterior.

— 'miro! Dois bagaços especiais — solicitou prontamente o «novo» amigo de Alberto, batendo com alguma impaciência no tampo encardido e manchado do balcão.

— Dois?! — surpreendeu-se o dono do botequim. — Tu és só um. Logo, bebes um de cada vez. Quando beberes este, sirvo-te outro. Não te armes em lambareiro!...

— Cala-te, meu sovina! Não vês qu'ê um p'ra mim e outro p'ra este cavalheiro que, por acaso, também é o meu novo amigo?...

O taberneiro pareceu ficar algo agastado com a presença daquele intruso nas suas instalações. Não gostava que gente desconhecida aparecesse repentinamente, sem aviso e muito menos sem acompanhamento de algum cliente habitual. Num passado recente, tivera problemas de sobra com fulanos destes, que ali apareciam disfarçados de meros boémios nómadas em busca de mais uns copos a troco de meia dúzia de euros quando, na verdade, não passavam de agentes dos diversos ramos da autoridade...

— Só malta p'ra arranjar barulho e sarilhos!... — barafustava o taberneiro quando desconfiava de alguém que por ali aparecia sem aviso.

Adivinhando os pensamentos do dono do estabelecimento, vendo quão nervosamente este tentava limpar, com um pano digno de estar num aterro para materiais altamente radioactivos, um pequeno cálice antes de o encher com uma misteriosa poção mágica que alguns chamavam estranhamente de bagaço, Alberto tentou imiscuir-se no ambiente, afixando no rosto um sorriso matreiro.

— Qual é o problema de este meu amigo pedir dois bagaços?... Ele não tem duas mãos? Ora, assim despachava-se mais depressa e não vinha para aqui, colar-se neste balcão, para o aborrecer!... Sirva-lhe mais um e não se preocupe. Eu trato das contas...

— Quem serve primeiro antes de receber leva barrete... e assim, já são três bagaços em vez de dois — ciciou o taberneiro, não largando o pano e o copo.

O vislumbre de uma nota de vinte euros fê-lo alterar o semblante, passando este a ficar menos carregado.

— Presumo que isto chega para pagar os três bagaços e mais uma dúzia deles... Eu, por mim, só quero um para não desfeitear este companheiro. Depois, avie-me uma cerveja. Quanto ao troco, pague-se em bagaços para este amigo.

O homem que continuava a exhibir as calças salpicadas de urina e a sentir um ligeiro ardor no sítio onde a pila ficara entalada no fecho da braguilha não sabia como reagir a tão generosa oferta. Aquele desconhecido era como um anjo que tivesse acabado de cair na Terra.

— Não sei como agradecer... — redarguiu o cliente habitual com uma ligeira ponta de emoção na voz.

— Ora, não tem de quê. Só quero um canto sossegado para poder beber a minha cerveja e fumar o meu cigarro enquanto penso um pouco na vida...

O taberneiro indicou-lhe uma mesa no fundo da penumbra que pesava sobre a sala. Acabava de vagar depois de dois tipos com ar de quem estava a congeminar um qualquer negócio ilícito a terem abandonado e saído do estabelecimento sem pronunciar uma única palavra.

Alberto encaminhou-se para o local indicado e lá se deixou ficar, observando todos os que ali estavam enquanto meditava sobre o que havia de fazer para que aquela injúria de que fora alvo nesse dia não manchasse o seu currículo. Para o agitado pensamento do professor de Filosofia, era inqualificável que alguém conseguisse com um mero boato, uma simples insinuação, destruir a vida de uma pessoa, maculando-a para sempre com algo que nunca cometera e/ou tão-pouco tentara.

A vida não era justa. Há muito que Alberto chegara a essa conclusão, dispensando para tal todas as teorias sobre o bem e o mal que existiam nos manuais de filosofia escritos no mundo. Segundo este professor, os filósofos apenas tinham transposto para o papel, numa linguagem repleta de floreados e pouco acessível aos comuns mortais, transformando simples conceitos em nebulosos problemas e dilemas epistemológicos e ontológicos, aquilo que qualquer pessoa com o mínimo de bom senso sabia desde a mais tenra idade.

«Aquela puta que ainda cheira a leite não vai ficar a rir-se disto. Eu devia ter-lhe dado logo um estalo na primeira vez que se chegou para perto de mim, toda decotada e cheirosa, insinuando-se como uma gata sob o luar de Janeiro... Em vez disso, fui o mais polido que pude, algo que ela deve ter interpretado como um certo receio da minha parte, como se ela me tivesse perturbado com as suas mamas quase a saltar do sutiã e com as suas coxas mal tapadas com aqueles panos com um palmo de altura a que chamam saias!... Rameira d'um raio! Aquilo deve funcionar com outros, mas comigo não!... Acho que foi isso que a deixou bem fodida...»

— Um óbolo pelos seus pensamentos, meu estranho amigo.

Aquelas palavras arrancaram Alberto do torpor a que se entregara, mal tendo tocado na cerveja desde que se sentara, deixando igualmente que o cigarro se queimasse praticamente até ao fim, não o fumando desde que o acendera.

— Hã?! O quê?!...

— Desculpe. Não quero parecer inconveniente... mas a sua cara é nova por estas bandas. Nunca o vi aqui.

Depois de se recompor do sobressalto, Alberto analisou com algum desdém aquele velho com aspecto de contrabandista, sentado numa mesa ao lado daquela onde se encontrava, que tivera o desprazo de interromper as suas reflexões. Após uma breve análise visual do rosto do interlocutor, a dureza da expressão do professor diluiu-se, dando lugar a um semblante de resignação.

— Pois... Creio que esta é realmente a primeira vez que aqui estou. Não me recordo de aqui ter estado... pelo menos, sobriamente.

O velho contrabandista riu-se da observação daquele desconhecido. Num gesto de cordialidade, ergueu o cálice de ginja que segurava na mão descarnada e simulou um brinde.

— À sua saúde, porque a minha há muito que se foi!...

Alberto correspondeu, tocando com a garrafa de cerveja no copo do velho antes de emborcar um grande trago.

— Chefe! Traga-me outra e mais um cálice de... ginja, não é?, aqui para este companheiro.

O velho acenou ligeiramente com a cabeça, agradecendo tal gesto e a generosidade daquele indivíduo que, minutos antes, se revelara uma verdadeira personagem etérea para aquele que agarrado ao balcão e ainda sentindo um ligeiro incómodo nas partes baixas deitava abaixo o sétimo cálice de bagaço desde que voltara da rua.

— As pessoas aqui não estão habituadas a tamanho desprendimento e magnanimidade. Sabe como é, quando a esmola é grande...

A sinceridade e eloquência daquele homenzinho encarquilhado, com uma pele que se mostrava bronzeada, como que curtida sem clemência pelo sol, pareceu surpreender Alberto.

— Ora, não tenho qualquer problema em oferecer copos a quem quer que seja, independentemente de conhecer ou não aqueles a quem os ofereço. Gosto de fazer a alegria das pessoas... — ironizou, enquanto o taberneiro depositava em cima da mesa nova garrafa de cerveja e um cálice de ginja para o velho.

Sem pedir licença, Rodrigo Lucas, o nome de baptismo daquela figura exótica, abandonou a mesa onde se encontrava e sentou-se na cadeira vaga que estava do lado oposto da mesa ocupada por Alberto, como se o cálice de ginja fosse a senha de entrada para a privacidade daquele desconhecido.

— Problemas com a vida, não é? Quem é que os não tem?...

Depois de acenar com a cabeça, confirmando as palavras de Rodrigo, Alberto acendeu mais um cigarro, deleitando-se desta vez com o fumo cada vez que o inspirava.

— Isso ainda acabará por o matar... Mas você é jovem, ainda está muito a tempo de largar esse maldito vício. Eu já não consigo... Vai ser a minha perdição. O médico já me avisou para cortar de vez com isto. Olhe, sabe o que lhe disse? São os pregos do meu caixão!... Quanto mais pregos levar, melhor. Menos hipóteses tenho de saltar cá para fora aquando do dia do julgamento. Afinal, quem é que vai querer ficar com este velho que aqui se apresenta à sua frente?...

Paulatinamente, Alberto começou a ficar fascinado com a conversa que aquele indivíduo desenvolvia. Os modos, as palavras, a ironia refinada, tudo parecia paradoxal ante o ambiente da taberna e da clientela habitual. Depois de alguns episódios de circunstância, Rodrigo progrediu para outros campos mais profundos, filosóficos mesmo, situação que deslumbrou ainda mais o professor. Quando deu por si, estavam ambos a discutir os imperativos de Kant, tendo entretanto deixado para trás, entre outras coisas, as formas de governo preconizadas por Hobbes, Locke e Rousseau. A conversa incidiu então sobre política, sobre o que se passava em Portugal, sobre o que tinha sido o 25 de Abril de 1974, nomeadamente o estado em que o País estava e a forma em que ficou depois de certos indivíduos tidos por esteios da democracia terem estado à frente dos destinos da Nação.

— Você nem sempre foi contrabandista... — observou Alberto, surpreendido com a eloquência daquele sujeito.

— Contrabandista, eu?! Ora, não o considerava tão preconceituoso!... Onde foi buscar tal ideia? Somente porque eu tenho este aspecto andrajoso, isso não significa que possa ser algo que você pense que eu deva ser...

O dia começava a despontar quando o taberneiro teve literalmente de empurrar os últimos clientes para a rua. Aquele a quem Alberto pagara uns quantos cálices de bagaço adormecera profundamente sobre o balcão, ignorando todos os esforços de um companheiro de tasca para que acordasse e seguisse para outras paragens.

— Eu já lhe dou o remédio!... — grunhiu o dono do botequim, verdadeiramente exasperado com aquela afronta, despejando em cima da cabeça daquele infeliz, sem qualquer contemplação, um balde de água cuja cor parecia indicar que estava estagnada há algumas semanas naquele recipiente.

Alguém ainda observou que, se continuasse a agir daquele modo, a taberna deixaria de ter clientes. Outros riram-se quando o desgraçado, subitamente desperto com a água, se desequilibrou, tombando para o chão molhado.

— Arre daqui, minha azémola! Tenho mais que fazer do que aturar bêbedos dorminhocos!...

— Pois, pois... Só que estes bêbedos são aqueles que aqui largam o dinheiro que te sustenta. Não é aquilo que a puta da tua mulher leva p'ra casa depois de mais uma noite passada na rua a foder com outros que te governa a vida!...

Antes que tivessem tempo de ver o taberneiro sacar detrás do balcão de um taco de baseball para enxotar com violência todos aqueles que se riam das palavras proferidas por aquele que tentava erguer-se do chão, preparando-se para dedicar especial atenção ao autor das mesmas, Alberto e Rodrigo Lucas esgueiraram-se para o exterior, evitando deste modo males maiores.

— Não ligue. Isto é mesmo assim todos os dias. Estranharia se hoje tal não sucedesse. Digamos que acaba por fazer parte da essência desta tasca. Dia em que não haja porrada é um dia que correu menos bem...

— ... mas aquilo não são coisas que se digam a uma pessoa honrada. Nem o mais embriagado dos bêbedos tem desculpa se ousa dirigir tais afrontas a um homem.

— E quem lhe garante que aquilo que ouviu não é verdade? *In vino veritas*, certo?

Rodrigo Lucas despediu-se com um caloroso aperto de mão, apanhando Alberto desprevenido. Não imaginava que aquela figura frágil, encardida e encurvada demonstrasse tamanha vitalidade e resistência aos efeitos do álcool, conseguindo ainda agitar-lhe com virilidade os ossos da mão e do braço.

«Aquilo para ele há muito tempo que deve saber a chá de tília!...», pensou Alberto enquanto se dirigia para casa sem perguntar mais nada ao seu companheiro de tertúlia dessa estranha noite, vendo-o desaparecer na primeira esquina do fundo da rua.

A cidade despertara definitivamente quando um táxi deixou Alberto à porta do prédio onde habitava, perto da estação ferroviária de Benfica. Sem nada dizer durante a corrida, pagou o que tinha de pagar quando o taxista parou, subiu sem dar conta dessa acção as escadas até à porta do seu apartamento, abrindo-a por instinto, e mandou-se para cima do sofá da sala. Somente nesse momento teve consciência de quão embriagado estava.

«Tenho de voltar a falar com aquele velho contrabandista ou anarquista... ou lá o que quer que ele seja... Amanhã, volto lá...», foram os seus últimos pensamentos antes de adormecer profundamente, ignorando o ruído do bulício que já tomara conta das ruas do bairro e que entrava pelas janelas entreabertas da cozinha e da sala.